

A EDUCAÇÃO DAS MULHERES NO SÉCULO XIX: O COLÉGIO DE CAROLINA E HÉRCULES FLORENCE DE CAMPINAS. (1863-1889)

Arilda Ines Miranda Ribeiro

Introdução

O século XIX foi um período de glórias para o desenvolvimento da educação no Brasil. Com a propagação da economia cafeeira no sudeste do país, mormente a província de S.Paulo começou a ter destacadas transformações na área cultural. Se até então o Nordeste tinha ocupado o lugar de destaque, o "ouro verde" sobressai-se nesse momento nas terras paulistanas e alcança supremacia em detrimento às plantações de cana em sítios nordestinos.

Campinas foi, sob o meu ponto de vista, uma das cidades mais privilegiada da segunda metade do século XIX.

Fundada em 1774, cem anos depois, este pequeno município já estava pronto para receber toda a sorte da iniciativa de republicanos, maçons, imigrantes, positivistas, barões do café e a insurgente classe média que iria povoar suas ruas, construindo seus casarios, lojas, e indústrias emergentes.

Onde existiram cidades no século XIX, existiu o desejo pela Educação. Em Campinas, tanto meninos como meninas tiveram a oportunidade, a partir desse período, de terem acesso aos saberes institucionalizados. Os pais, fazendeiros, profissionais liberais e políticos, possuíam condições financeiras favoráveis e ideários que facilitaram o surgimento de escolas e colégios.

A análise que realizei do processo educativo das mulheres de famílias abastadas na cidade de Campinas, durante o século XIX, teve como propósito, obter o maior número possível de informações, a fim de que uma primeira etapa da historiografia educacional feminina dessa localidade fosse evidenciada, já que até o momento da realização do meu doutoramento (1992), havia escassos registros sobre essa temática. Dessa forma, nesse estudo, contemplei uma instituição de nível secundário, de origem laica e de iniciativa particular, que possuía aspectos específicos que o diferenciavam de uma grande parte de seus contemporâneos. O método empregado para a reunião e análise dos dados foi composto por várias ferramentas que descreveram o fenômeno:

cartas, diários, jornais, obras sobre o período, almanaques, material iconográfico, entre outros ainda pouco utilizados na historiografia da educação brasileira.

Para pesquisar a educação feminina na cidade de Campinas, durante o II Império, foi necessário fazê-lo através do resgate da trajetória de uma instituição privada. Para tanto, contei com a contribuição das fontes primárias da Família Florence em São Paulo, através do Arquivo Cyrillo Hércules Florence, depositado nas mãos da bisneta Leila Evangelina Florence de Moraes. Isso porque no Brasil, o ensino secundário para o sexo feminino só começou a constituir-se na segunda metade do século XIX, graças aos esforços da iniciativa particular, e pouco sobrou dos documentos oficiais novecentistas. (HAIDAR, 1972, p. 231).

Este texto está estruturado em três partes. Na primeira traça um histórico dos fundadores da instituição, com ênfase na formação educacional da sua gestora e sua inserção, como imigrante alemã, e de seu esposo francês, no contexto histórico brasileiro. A segunda parte trata do cotidiano escolar, as disciplinas estudadas, a origem dos docentes e discentes e finalmente a terceira parte procura estabelecer as relações entre o Colégio Florence e Campinas no desenvolvimento da cultura do país, "do progresso" positivista, e do caminho para o republicanismo.

Carolina e Hércules, os Krug e Florence: os fundadores do Colégio

Criados por particulares, a história dos colégios envolve a história de seus fundadores. O Colégio Florence inaugurou suas atividades em Campinas em 03 de novembro de 1863, por uma imigrante alemã de nome Carolina Krug Florence e por seu marido Hércules Florence. Os dados a respeito da vida de Carolina foram coletados por descendentes e registrados no Álbum que a Prefeitura Municipal de Campinas confeccionou em função da comemoração aos 200 anos de fundação da cidade. Apresento-os, a fim de preservar as informações.

Carolina Krug (Caroline Mary Catherine) nasceu no mesmo dia da autora desse trabalho: 21 de março de 1828 no sul da Alemanha, numa cidade denominada Cassel, próxima a Floresta Negra. Filha de um fabricante de mosaicos artesanais de madeira, João Henrique Krug e Elizabeth Debus Krug, iniciou seus estudos com a idade de seis anos em uma escola dirigida por três irmãs. Frequentou também a Escola Ruppel até os quatorze anos e fez com essa idade a primeira comunhão. (Florence, 1974) Carolina era, portanto, de origem religiosa Católica.



A Educadora Carolina Krug Florence (1828-1913)
Foto Ana Maria Felix
Fonte cedida pela Coleção Cyrillo Hércules Florence.

Concluídos os estudos médios, frequentou curso superior dirigido por um Pastor de nome Jatho, dedicando-se principalmente às disciplinas: História Universal e Literatura. Nessa época, em seu interesse pelo estudo, sobressaía a vontade de dar continuidade ao que aprendera até então. No entanto, Cassel não oferecia condições suficientes

para seu desenvolvimento pedagógico. Assim, seus pais resolveram enviá-la à Suíça, ao Instituto de Madame Niederer, esposa de um antigo colaborador e amigo de Pestalozzi, já considerado, na época, um grande pedagogo moderno.

É interessante observar que seu deslocamento para outra região implicava em atitude de coragem e persistência: a viagem era muito difícil, devido aos meios primitivos de transporte, mesmo na Alemanha. Chama a atenção também o fato dos pais serem desprendidos em confiarem à travessia de uma filha, mulher, muito jovem ainda, para tão longe e sozinha.

Todo o trajeto foi feito em diligência e cavalos, exceto uma pequena parte, de Frankfurt sobre-o-Meno até Manhein, um dos poucos pontos que naquele momento possuía estrada de ferro. Carolina hospedou-se em várias cidades onde seus pais tinham conhecidos, até que finalmente chegou ao Instituto de Madame Niederer, num dos arredores de Genebra, chamado La Servette.

Neste estabelecimento, Carolina Krug teve a oportunidade de conhecer melhor o

método de Pestalozzi e também vivenciá-lo na prática.

Pela descrição, de uma de suas antigas colegas de internato, percebe-se que havia respeito e dedicação tanto da diretora do Instituto em relação às alunas, como destas entre si. Em uma carta enviada por uma amiga que estudou com Carolina naquele estabelecimento é possível verificar o grau de afetividade e reconhecimento pelo trabalho pedagógico realizado por Madame Niederer:

Carolina: (...) Agradeço toda a bondade e toda a amizade que você manifestou durante minha última estadia junto à Madame Niederer. Aqueles dias que tive a felicidade de passar com ela deram-me um novo impulso, para seguir com coragem a cadeira de educadora. Tenho novamente sido testemunha de sua bondade a todas as suas alunas, do interesse que dedica a cada uma delas, dos cuidados que ela toma para bem dirigir a educação destas (grifo meu) (Carta de Suzete Kaessler para Carolina Florence, em francês, Coleção Cyrillo Hercules Florence. Genebra, 9/1/1847).

A preocupação com a educação transcendia os ensinamentos de conteúdos nas disciplinas. Havia por parte da direção deste estabelecimento o desejo de que as educandas aprendessem a se comportar na sociedade e a respeitar o outro como companheiro de conhecimentos. Essas mesmas preocupações fizeram parte do cotidiano do Colégio Florence no Brasil, anos mais tarde. Infelizmente Madame Niederer, que tinha confiado à Carolina Krug a redação de sua correspondência particular, cedeu a Madame Broglia et Flaction seu instituto, na primavera de 1847. O instituto mudou-se para uma casa situada perto de um lago, chamado Deux Paquis. Após a sua retirada desse instituto, Carolina manteve com esta senhora, que se ocupava exclusivamente do ensino, correspondência por alguns anos. Na troca destas missivas é possível verificar que a jovem aluna teve êxitos nos estudos, preparando-se para a sua carreira de docente:

Madame Elizabeth Krug (...) fico feliz em poder vos dizer que sua filha, Caroline, fez grandes progressos nos estudos, e principalmente na língua francesa, desenho etc. Nós só podemos lhe dar, para além das qualidades sólidas de seu caráter, a segurança de que está perfeitamente preparada para completar com sucesso a vocação para a qual ela se prepara. (Carta de M. Flaction para Elizabeth Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence. Genebra, 21/8/ 1847).

Na continuação dessa carta, a educadora comunica à mãe da aluna seu desejo de que Carolina Krug partisse para Colônia ou Prússia, para lá iniciar sua carreira. Entretanto, a ligação muito estreita com a família trouxe-a de volta à cidade natal de

Cassel, em 1848. Durante algum tempo trabalhou como professora em uma casa de família, na propriedade campestre de Holstein. Deu aula para moças durante um ano e ao fim deste aconselhou aos pais de suas alunas que as matriculassem em um colégio onde, em companhia de outras colegas, encontrariam mais estímulo para o estudo. Esse conselho foi aceito e as meninas entraram no colégio em Altona, cuja diretora, Mlle. Biernatriski achou-as tão adiantadas que indagou sobre a pessoa que as ensinava. Informada a esse respeito, a diretora ofereceu um lugar à Carolina Krug, que lecionou nesse Instituto durante três anos.

As observações sobre o que tinha aprendido e o que ensinava era dividido com as antigas companheiras de internato. Através da correspondência com Berth, por exemplo, podemos observar que as matérias constantes na formação pedagógica ultrapassavam ao que previam ao gênero feminino. (verbete gênero) Conhecimentos sobre lógica, geometria, matemáticas eram, na época, destinados aos homens, em uma época em que as mulheres conquistavam lentamente o direito de assimilar conhecimentos científicos. Assim, Berth menciona que continuava a tomar, com grande interesse as lições que Carolina conhecia tão bem, como astronomia com M. Wartalltmann. Também mencionava as comédias que M. Perret as fazia interpretar. (Carta de Berth I. para Carolina Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence. Genebra, 19/3/1848).

Ainda em 1850, Carolina Krug continuava mantendo correspondência com M. Broillat. Nessa época, sua antiga diretora do Instituto Suíço, agora casada (o sobrenome foi substituído por Breitonager) lhe escrevia sobre os problemas que os europeus enfrentavam em decorrência das políticas econômicas, discorria sobre o papel e aconselhava da necessidade do aprimoramento intelectual para ser uma boa educadora. Também sua antiga mestra utilizava o elogio como estímulo ao desenvolvimento das potencialidades de sua antiga discípula, no domínio das línguas, principalmente o francês, muito conceituado na segunda metade do século XIX:

Cara Carolina (...) estou muito contente minha cara criança, por você se encontrar bem no estabelecimento Biernatriski. A vida é tão difícil para todos nos tempos em que vivemos que é preciso contentar-se com o seu trabalho. Entretanto minha cara pequena não negligencie de sonhar com o futuro e não se descuide dos conhecimentos. Veja: não se é sempre jovem e as forças se esvaem muito rápido na carreira de professor. Eu vos asseguro: você é melhor professora para ensinar nossa língua (o francês) que a maior parte dos nossos compatriotas. Nós temos é que escrever

muitos trabalhos e, sobretudo ler bons autores, é assim que se forma o estilo. (Carta de M. Broillat para Carolina Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence. Genebra, 27 /7 /1850).

Nessa mesma ocasião, tempos difíceis na Alemanha, os pais de Carolina desejavam reunir-se ao filho mais velho, Jorge Krug estabelecido como farmacêutico no Brasil, na cidade de Campinas desde 1846. Nesse tempo, seu irmão já havia adquirido fortuna razoável na América, participando da vida social e política campineira. Exerceu, por muito tempo, em toda a Província de São Paulo, o cargo de Vice-Cônsul da Suíça. Era maçom (grau 33), de tendência liberal, e auxiliou a fundação de vários estabelecimentos de ensino na cidade de Campinas. Entre eles, o Colégio Culto à Ciência para o sexo masculino, a Escola Alemã para filhos e filhas de descendentes germânicos e deu bastante suporte para a criação do Colégio Florence, destinado a educação de mulheres. Assim como sua irmã Carolina, Jorge Krug dedicava-se com afinco às causas da educação. (*A Província de S. Paulo*, 3/1875).

Em conseqüência dos fortes laços familiares, Carolina Krug se juntou ao restante da família e embarcaram para o Brasil em setembro de 1852. Saindo de Hamburgo em um navio à vela, pois nesse tempo não havia ainda navios a vapor para o Brasil. Levaram dois meses na travessia.

Aliás, muitos alemães emigram para o Brasil nessa época. A causa dessa emigração se deve a diversos fatores. Muitos abandonam a cultura germânica em plena mudança para a industrialização, outros por causa dessa mudança. Boa parte da emigração germânica é composta de cidadãos. Era uma forma de prevenir ou modificar situações econômicas indesejáveis, pois, com a industrialização, havia o medo da proletarização.

O pai de Carolina, João Henrique Krug, por exemplo, pertencia à classe média. Era artífice, possuía um estabelecimento que produzia mosaicos de madeira, trabalho muito apreciado na Alemanha, *sendo que muitos assoalhos, em vários castelos, são ainda admirados como verdadeiro primor de arte.* (grifos meus). (FLORENCE, 1974).

Seria, porém, como cita Willens, um erro considerar questões econômicas ou administrativas como únicos motivos de emigração, pois *freqüentemente não eram os mais pobres que emigravam, e a emigração continuava mesmo quando a situação do país já se havia tornado favorável, mais favorável às vezes, do que a situação do país de emigração.* (WILLENS, 1980, p. 34).

No caso dos Krug, além do desejo de encontrar uma terra propícia à implantação

de suas realizações no campo profissional, havia a vontade de unirem-se ao filho e irmão mais velho, que certamente lhes contava das oportunidades que surgiam no novo continente, principalmente em Campinas, onde o desenvolvimento parecia mais acentuado. Tchudi, viajante teuto que esteve nesse período no Brasil, relata essas mudanças das famílias européias para Campinas, cidade ainda em condições precárias de infraestrutura, e acrescentava como uma das causas da vinda dos Krug, o pouco espaço de convivência entre idéias contrárias ao poder vigente, conforme consta em seu diário:

Em Campinas, hospedei-me na casa do farmacêutico dr. Georg Krug, pois esta cidade, de grande movimento e indiscutível importância, uma das maiores da Província, não possuía sequer um hotel. O pai do sr. Krug emigrara da Alemanha, devido à triste situação política do Ducado eleitoral de Hessen-Kassel, onde exercia, na cidade de Kassel, a profissão de marceneiro, que lhe dera grande fama, como artífice hábil e competente. Cometera, entretanto, o grave crime de abrigar idéias demasiado liberais, o que lhe valeu ser forçado a abandonar a pátria, ele e sua família. Veio para o Brasil e fixou residência em Campinas. Seu filho mais velho estabeleceu-se com uma farmácia e o mais jovem exercia, com muita habilidade, a profissão paterna. (TCHUDI, 1954, p. 58).

A viagem também foi realizada com as dificuldades presentes no século XIX. Chegando ao Rio de Janeiro, os viajantes deixaram o veleiro, seguindo para Santos em um vapor costeiro de nacionalidade brasileira. Nesse porto esses teutas foram recebidos pela família Batista, amiga do filho mais velho Jorge Krug e ficaram quinze dias. Seguiram depois para Campinas, todos a cavalo, com exceção da mãe de Carolina, já idosa, que fez a viagem de bangué. Em São Paulo a família parou, a fim de descansar em casa do sr. Gérard, amigo de Jorge Krug. Justo três meses depois da partida de Hamburgo, tendo a viagem de mar durado nove semanas, aos 18 de Dezembro de 1852 a família Krug chegava a Campinas. Umas léguas antes de chegarem à cidade, vieram-lhe ao encontro vários cavaleiros: Jorge Krug e seus amigos, o qual privado durante tantos anos de seus velhos pais e dos seus irmãos, podia agora matar as saudades. (FLORENCE, 1974).

Além de Carolina, seus pais, vieram também seus irmãos: Francisco Guilherme Henrique Krug e Anna Krug (posteriormente Anna Kupfer). Francisco Krug, como seu pai, aprendera a arte da marcenaria e trazia, além da experiência na arte do entalhe na madeira, conhecimentos políticos, econômicos e sociais que o tornaram figura de

destaque na sociedade campineira.

Sua irmã, Anna Krug, também era professora. Não se sabe ao certo seu grau de especialização. Entretanto, em suas anotações do dia a dia em Campinas, relata que teve aulas com uma preceptora alemã na cidade de Limeira e que nessa mesma época ensinava às crianças. Nas suas narrativas é possível observar um pouco da gênese do cotidiano escolar brasileiro, em 1853, permeado pela pedagogia empregada, bem como a incorporação e a interdisciplinaridade das matérias enciclopedistas:

Frau Gê era muito boa senhora, tinha, a fim de aumentar a renda de seu marido fundado um internato, uma pensão onde parte das filhas do país como também estrangeiros recebiam instrução. Éramos internacionais! Durante o dia ensinava o ABC aos pequenos, porém a noite era a minha vez. (o grifo é meu). E ainda hoje lembro com alegria nas belas horas nas quais Frau Gê ensinava com prazer. Muitas vezes durava até meia noite, mas não nos causava cansaço. Línguas estrangeiras me davam muito prazer. Frau Gê sabia ligar a isso História e Geografia e hoje estou muito agradecida por isso. Aqui quero apenas lembrar o quanto considero importante o estudo de línguas estrangeiras. Não é apenas o traduzir das palavras, não. É porque com isso você adquire facilmente grande parte cultural dos valores de respectivo povo. (Diário de Anna KUPFER. Coleção Cirillo Hércules Florence).

Mais tarde Anna conheceu o Dr. Otto Kupfer, amigo de seu irmão, com quem se casou e viveu parte da sua vida na cidade de Campinas e na Alemanha.

De acordo com Willens, o imigrante citadino representa classes sociais bem diversas e cultiva, na maioria das vezes, o gosto pela cultura, pela erudição. Não apenas proletários, mas também pequenos e médios burgueses que fugiram à proletarização iminente, representantes da burguesia intelectualizada e liberal que se envolveram em lutas políticas; enfim, quase todas as classes sociais, ainda que em proporções desiguais, forneceram seus contingentes de emigrantes, contribuindo assim para a heterogeneidade cultural daqueles que tencionaram radicar-se no Brasil. (WILLENS, 1980, p. 31).

Outro fato que os distinguia dos nacionais, além da questão erudita ou a qualificação profissional diz respeito à forma como esses emigrantes encaravam a escravidão no Brasil. Quando se estabeleceram em Campinas, no final de 1852, todo o trabalho manual era realizado por escravos, fato que foi narrado no diário da irmã de Carolina, nos seguintes termos:

Os criados brancos não existiam naquela época no Brasil. As

famílias (dos colonos) tinham necessidades de suas filhas em suas casas. Embora a contra-gosto dos meus (o grifo é meu) teve meu irmão de comprar um casal de escravos em Itú e sem poder conhecer certas circunstâncias mais de perto. Estas duas pobres criaturas chegaram: o marido José, cozinheiro, negro de boa índole como todos os outros escravos... (Diário de Anna KUPFER, Coleção Cirillo Hércules Florence).

Estabelecidos em Campinas e procurando amoldar-se à cultura brasileira sem deixar de manter a Germânica, a família Krug foi adaptando-se paulatinamente. Em contato social com os amigos do irmão Jorge, dois anos mais tarde, em 1854, Carolina Krug casou-se com Hércules Florence.

Francês, nascido em Nice em 1804, Hércules era um homem inteligente, culto e afável. Foi o primeiro estrangeiro a fixar residência em Campinas. (DUARTE, p. 140). Integrante do grupo de europeus que estiveram no Brasil, em busca de novos horizontes, viajou e desenhou pelas paisagens brasileiras. Tinha a alma voltada para o futuro. Participante da Expedição do Barão de Langsdorf, do Tietê ao Amazonas, entre 1825 a 1829, escreveu um livro sobre a viagem, além de farta documentação iconográfica, reproduzindo aspectos da selva brasileira ¹ Foi também o criador da Zoofonia "estudo sobre o canto dos animais", a Poligrafia, criação do papel inimitável (para cédulas monetárias e notas de bancos - inventos relativos à impressão).

¹ Expedição sob os auspícios do Czar Alexandre I, o naturalista e Cônsul Geral da Rússia, Barão de Langsdorf organizou uma expedição que deveria ir por terra pelo antigo caminho dos bandeirantes, hoje via Anhanguera. Alterada a rota, preferiu o Barão de Langsdorf a via fluvial, a partir de Porto Feliz, no ano de 1825. Tinha a expedição, além de Hércules Florence, o astrônomo Rubtsov, o botânico Riedel e o desenhista Taunay. A expedição malogrou com a morte no Rio Guaporé, do primeiro desenhista Adriano Taunay, por afogamento, mas principalmente em consequência da insanidade mental de seu chefe, Hércules Florence deixou o manuscrito da longa viagem que terminou em Belém do Pará, sob o título "Esboço da viagem feita pelo sr. Langsdorf no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829", escrito em francês e traduzido duas vezes, a primeira pelo Visconde Taunay, e a segunda pelo bisneto de Hércules, Francisco Álvares Machado e Vasconcelos Florence. Ambas as traduções têm o título de Viagem fluvial da Tietê ao Amazonas.

Em junho de 1992, foi editado pelo professor da Sorbonne, Mario Carelli e pela editora Gallimard o livro *A La Decouberte De La Amazonie*, Hércules reproduziu aspectos da selva brasileira, além de farta documentação iconográfica.



Hércules Florence em idade avançada. (1804-1879)
Fotografia cedida por Leila Evangelina Florence de Moraes. Fonte cedida pela Coleção
Cyrillo Hércules Florence.

No entanto, o principal invento de Hércules Florence foi a *fotografia*.² Ainda hoje é desconhecido por muitos o fato de Hércules Florence ser um dos inventores da Fotografia. Porém consta que fez em 1832, dois, anos após estar residindo em Campinas, experiências pioneiras com a câmara escura e a fixação de imagens, cuja glória coube, em 1839 a Daguerre, seu compatriota. Isso porque Hércules Florence não deu divulgação em tempo oportuno dos seus resultados obtidos seis anos antes. Campinas, naquela época, infelizmente ainda não oferecia meios fáceis de

² Em seu livro, KOSSOY, (1977) registra os resultados positivos da repetição que promoveu, das experiências fotográficas de Hércules Florence nos EUA, nos laboratórios do Rochester Institute of Technology em 1976. Nos manuscritos em poder da família Florence em Campinas, Hércules anotaria a gênese de seu invento: Neste ano de 1832, no dia 15 de agosto, estando a passear na minha varanda, vem-me a idéia de que talvez se pudesse fixar as imagens na câmara escura, por meio de um corpo que mude de cor pela ação da luz. Esta idéia é minha porque o menor indício nunca tocou antes o meu espírito. Vou ter com o Sr. Joaquim Correia de Melo, boticário de meu sogro, homem instruído, que me diz existir o nitrato de prata.

comunicação. E assim, tendo conhecimento dos resultados das experiências de Daguerre, encerrou suas atividades nesse campo, mas a palavra *fotografia* lhe pertence. Obteve-a com a colaboração de Joaquim Correa de Mello, o Joaquinzinho da Botica como era conhecido. Ao aconselhá-lo a formar a palavra, utilizou-se de elementos do grego e a usar nitrato de prata em suas experiências. (Jornal O Correio Popular, 9/11/1978).

Hércules casou-se em primeiras núpcias com Maria Angélica Machado Florence em 04 de janeiro de 1830, logo após seu retorno da expedição Langsdorf. A convite do sogro, Francisco Alvares Machado Vasconcellos, homem público de influência em Campinas, estabeleceu-se nessa cidade, na Rua Barão de Jaguará, no Largo do Carmo.

Com sua primeira esposa viveu vinte anos e teve treze filhos, o que era muito comum na época. As mulheres tinham o papel de povoarem o país, gerando muitos filhos.³ Teve Infelizmente alguns faleceram, sendo que o que ocupou papel de maior destaque, tanto na política como na educação, foi Amador Bueno Machado Florence. Professor e homem público participou da fundação do Colégio destinado à educação de meninos, o "Culto à Ciência" e foi presidente da Câmara Municipal de Campinas durante o período do Império. (SILVEIRA, 1968, p. 143).

Hércules Florence, para além de suas qualidades de desenhista, escritor, inventor, também era comerciante e fazendeiro em Campinas. Proprietário da Fazenda *Soledade* e posteriormente de outra de bom porte, foi, juntamente com outros fazendeiros de café, um dos primeiros a introduzir e ser bem sucedido com a vinda para Campinas dos primeiros colonos, através do Sistema de Parceria. Não bastasse sua atuação no campo econômico e social, participou também das questões políticas através da sua tipografia ou *autografia*, a primeira instalada em Campinas. (MARIANO, p. 21). Com ela, coube-lhe imprimir e dirigir o órgão da Revolução de 1842, encabeçada em território paulista, pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, marido da Marquesa de Santos.

... folha de duração efêmera, quatro ou cinco números se tanto, preparada e distribuída em Sorocaba e imediações, em meio aos curtos, mas febricitantes episódios do levante, que Caxias abafou em São Paulo e Minas. O jornal da revolução denominava-se *O Paulista*. (SILVEIRA, 1968, p. 143).

Dezesseis anos depois, Hércules Florence vendeu a tipografia aos irmãos João e

³ Em meu mestrado tratei longamente da questão do papel a ser desempenhado pelas mulheres no Brasil Colônia: a reprodução dos filhos dos colonizadores. Ver: Ribeiro, A. A educação da mulher no Brasil-Colônia. S.Paulo:Arte & Ciência, 1997.

Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, e nela se imprimiu o primeiro jornal da cidade, a *Aurora Campineira*, no ano de 1858.

Em 1854, com cinqüenta anos de idade, viúvo há quatro anos e morando nos arredores da cidade de Campinas com seus filhos, alguns ainda pequenos, Hércules Florence sentiu-se atraído pela possibilidade de casar-se novamente com uma jovem de vinte e quatro anos, culta e disposta a criar seus filhos dentro de uma educação fundamentada nas modernas teorias pedagógicas européias. Era Carolina Krug, que também oferecia certa ascensão social à sua família, como ele mesmo relataria a sua mãe, em carta de apresentação de sua nova esposa. Nessa missiva Hércules evidencia o encantamento que teve com as qualidades da professora alemã:

Minha mãe, eu vos escrevi uma vez que eu me casaria novamente, mas que não deveria ser logo. No dia quatro de janeiro do ano corrente eu me casei com Mlle. Caroline Krug, irmã de meu amigo Jorge Krug, farmacêutico estabelecido há oito anos em Campinas. Ela chegou de Cassel, com seu pai sua mãe e seus irmãos e irmã, e eu fui absorvido por suas qualidades, seu talento e suas maneiras distintas. Tendo feito sua educação durante três anos em um Instituto de jovens moças em Genebra, ela adquiriu um perfeito conhecimento de Francês. Ela sabe a história, a geografia, os elementos de matemática, a pintura e a música. Todas as ocupações de seu sexo. Ela saiu do instituto e foi ser professora em Altona, na Suíça-Holstein. Seu objetivo era de se ocupar do ensino e soube aproveitar disso em alto grau. (o grifo é meu). (Carta de Hércules Florence para sua mãe residente em Nice, em francês. Campinas, 10/6/1854).

Com relação à situação dos seus filhos perante a sociedade campineira, Hércules reconhece que o casamento com Carolina Krug também favoreceu a ascensão que esses tiveram, após o enlace matrimonial:

Meus filhos são tão bons para mim e minha esposa que minha escolha parece ter sido feliz. Eles têm verdadeira afeição por sua segunda mãe. A condição dela na sociedade os fez ganhar, pois antes eles viviam no abandono, quase sem relacionamento social e hoje a minha casa é freqüentada por toda a boa gente da sociedade da cidade. (Carta de Hércules Florence para sua mãe residente em Nice. Em francês. Campinas, 10/6/1854.)

O casamento de um homem maduro, de mentalidade e temperamento incomuns, com uma mulher dotada de muitos qualificativos resultou em uma relação de igualdade entre os parceiros amorosos, ao contrário do que se via nos laços matrimoniais

estabelecidos na família patriarcal brasileira. Dentro do patriarcalismo, como é sabido, o homem é o senhor de todos os bens. A fazenda e os escravos lhe pertencem, assim como a esposa e os filhos. Dessa forma, a mulher lhe deve submissão e obrigações. As relações de gênero são marcadamente desiguais.

Na família alemã, entretanto, sobretudo a urbana, a posição da mulher é elevada. *Em outras palavras, o tratamento dos dois sexos é, em todos os sentidos, mais homogêneo na Alemanha do que no Brasil.* (WILLENS, 1980, p. 306).

Assim, a união de Hércules Florence com Carolina Krug resultou muito mais numa ligação de respeito e companheirismo, do que um gênero subjungando o outro, coisa que comumente ocorria no Império Brasileiro.

Não havia receio por parte do esposo pela emancipação de sua mulher, estimulando a propagação de seus conhecimentos científicos, uma vez que o próprio Hércules Florence impulsionava as novas ciências, através de seus inventos.

Na carta que Carolina Krug Florence envia a sua sogra, mãe de Hércules Florence, solicitando as bênçãos pelas núpcias, o companheirismo evidencia-se, na forma como ela percebia sua relação com o marido e enteados:

Mãe,
Peço a permissão de vos nomear por esse nome tão doce do qual eu conheço melhor ainda o valor depois do casamento com meu bem amado Florence. Aceitando sua mão eu não somente ganhei o melhor e o mais desinteressado dos amigos (o grifo é meu), mas também eu encontrei nos seus filhos uma afeição que acolhe de muito minha alegria. (Carta de Carolina Florence para a Mãe de Hércules Florence, em Nice. Campinas, 12/6/1854).

Após o casamento, Hércules Florence continuou a viver na fazenda Soledade com sua nova esposa e os filhos do primeiro casamento. Um ano depois, sentindo necessidade de rever a mãe, parte para a Europa deixando Carolina com a responsabilidade da propriedade e a guarda das crianças. Uma atitude, que acredito só ser possível, devido ao fato de haver um perfeito entrosamento entre o casal. (*Almanaque...*, 1914, p. 51).

Viveram nesse local durante oito anos e tiveram sete filhos: cinco homens e duas mulheres. Nesse sentido, é interessante observar que além do cuidado com os filhos do primeiro casamento de Hércules, Carolina Florence gerou seus próprios filhos, vivendo assim intensamente o papel de mãe de uma imensa prole.

Em 1863, a família resolveu mudar-se para a cidade. Essa mudança estava

relacionada, de certa forma, com fatores sociais e econômicos. Sociais, porque com o crescimento dos filhos, Carolina Florence sentia que a instrução lhes era indispensável; econômica, porque o cultivo do café exigia de Hércules Florence, assim como de outros fazendeiros, o deslocamento para a cidade em função das diversas atividades urbanas exigidas por essa cultura, desde as transações da comercialização do produto, até o trato com bancos, transporte, etc.

Campinas, nessa época, estava começando a modificar-se, a progredir. Como já foi dito, a região sofreu transformações profundas em decorrência da cultura do café, que substituiu a cana de açúcar na primeira metade do século XIX, e em pouco tempo tornou-se a base dos rendimentos da população agrária paulista. De acordo com Wilson Cano, *A produção paulista de café até o início da década de 1870, representava apenas 16% do total brasileiro, a partir desse momento, ingressava num período de vigorosa expansão, perfazendo, em 1875, cerca de um quarto da produção nacional saltando, dez anos depois, para 40%*. (Cf.Cano:1977, p. 31).

Aliás, segundo Caio Prado Jr. não era somente Campinas que teria seu progresso marcado. A segunda metade do século XIX vai se constituir num dos momentos de maiores transformações da economia brasileira e o decênio 1870-1880 será marcado por sensível prosperidade nacional. (PRADO Jr., 1949, p. 178). *É de Campinas, portanto, que se alastrará o café pelo Oeste Paulista*. (CANO, 1977, p. 31).

Como sede desse avanço, a cidade tem necessidade de implantar benfeitorias. Viotti afirma, nesse sentido, que:

À medida que os fazendeiros mudaram-se para os grandes centros, cresceu a tendência em promover melhoramentos urbanos. Aumentou o interesse pelas diversões públicas, a construção de hotéis, jardins e passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e abastecimento de água. Aperfeiçoaram-se os transportes urbanos. O comércio ganhou novas dimensões, bem como o artesanato e a manufatura. O processo foi favorecido pelo interesse que o capital estrangeiro teria nesses tipos de empreendimentos urbanizadores. (COSTA, 1977, p. 197).

Muitos se aventuraram a fundar colégios para os filhos dessa burguesia emergente.

Haidar, no histórico que realizou das escolas secundárias criadas na Corte do Rio de Janeiro e nas capitais das províncias, retrata as dificuldades dos colégios particulares

para se manterem em funcionamento. Cita o Colégio Pestana criado em 1876 em São Paulo por Rangel Pestana e sua esposa Damiana. Era um colégio destinado à educação feminina. Rangel era um ardoroso defensor da Educação. Seus escritos em jornais revelam essa qualidade. No entanto, o próprio Rangel Pestana, culto e sábio, sucumbiu em seu intento e a instituição foi vendida em 1878. As causas do malogro do empreendimento, de acordo com alguns críticos da época apontavam como principal fator do insucesso *o modernismo exagerado do jornalista* que tivera a pretensão de educar a mulher na liberdade. (HAIDAR, 1972, p. 241).

O Colégio Florence, ao contrário de muitos contemporâneos, manteve-se como o estabelecimento de ensino de maior durabilidade dos tempos imperiais. Essa estabilidade e desenvolvimento decorreram possivelmente, de diversos fatores: a mentalidade e a cultura de seus fundadores, o fato da diretora ter adquirido uma grande experiência pedagógica no país de origem e, também de ter encontrado um marido companheiro e um irmão empreendedor, em uma cidade com o terreno propício para o desenvolvimento da educação.

O Colégio Florence e a Educação para Mulheres no século: desafios, resistências e conquistas

A campanha em favor do aprimoramento da instrução feminina no Brasil não tinha como objetivo, elevar à mulher a culminância científica e literária. Também não se pretendia prepará-las para funções profissionais, ainda consideradas incompatíveis com a sua capacidade intelectuais e desnecessárias à missão que lhe fora reservada pela natureza: a maternidade. Entre os defensores do aprimoramento da instrução feminina destacavam-se aqueles que, animados por idéias evolucionistas apontavam a ignorância da mulher como um importante fator de retardamento do progresso da humanidade. Entre eles, Tito Livio de Castro, com o livro *A mulher e a sociogenia* e Tobias Barreto. (idem, p. 246). A mulher deveria estudar, porém não muito. Nessa época a elas não eram permitida a entrada nas Academias.

Desobrigados, portanto, de preparar para os estudos superiores em geral, ainda considerados impróprios à mulher, o ensino secundário montado no fim do Império, em alguns poucos estabelecimentos particulares, adquiriu feição própria. No caso do Colégio Florence, liberto da tradição secular que vinha consagrando o predomínio das humanidades clássicas nos estudos preparatórios, caracterizou-se pela importância

atribuída às línguas modernas e às ciências, especialmente consideradas em suas aplicações práticas.

Tomaz Tadeu da Silva, em seu livro *O que produz e o que reproduz em educação* afirma que a educação produz e reproduz os elementos que contribuem para produzir o novo e os elementos que contribuem para manter o existente. Ao dizer que a escola possui também outras características mais prosaicas e cotidianas, além das macro-características estruturais, cita elementos como a arquitetura e a configuração da sala de aula como tal a concebem, a divisão em séries, a administração do tempo através de períodos, a divisão e a classificação do conhecimento pelas diferentes disciplinas e matérias como contribuições para se entender a educação. (SILVA, 1992, p. 64). As cartas e jornais trouxeram à tona informações sobre a atuação das alunas na sala de aula, no pátio de recreações, nas apresentações em festas públicas, na assimilação dos conteúdos ministrados por seus professores, dificuldades, doenças, etc. Retrataram o meio em que viviam e o cotidiano escolar do século XIX.

Através de cursos completos e regulares compostos de estudos de várias línguas, disciplinas como geometria, ciências naturais e trabalhos artesanais é possível verificar o grau de aperfeiçoamento, destreza e aplicação adquiridos na instituição. A natureza do padrão de trabalho que as alunas realizavam possibilitava-lhe obter informações imediatas sobre os seus resultados porque, freqüentemente, apresentavam-se ao público.

O papel da Imprensa deve ser ressaltado como elemento fundamental e mediador às atividades educacionais particulares, considerando o fato de que o governo não se interessava pela expansão do ensino secundário público.

Entre os docentes que lecionaram no Colégio Florence, destaco os mais expressivos, considerando a dificuldade em possuir uma relação completa dos mesmos. Dos docentes masculinos, grande parte iniciando no Colégio Florence a sua carreira como professores anti-imperiais, posteriormente, contribuíram para a estruturação e a solidez do ensino público no período republicano. Criaram os primeiros livros didáticos brasileiros, muitos utilizados no ensino público, como os livros de Julio Ribeiro (professor de Letras), João Kopke (professor das ciências históricas e geográficas), Miguel Alves Feitosa (Língua Portuguesa), Rangel Pestana (Língua Portuguesa e retórica) (sic), Emílio Giorgetti, Emílio Henking, (professores de música) Campos da Paz, etc. Entre eles, merece destaque o próprio Hércules Florence, como professor de desenho. Os jornais anunciavam ao final do ano os progressos das meninas que estudavam com ele: "*Mereceram também particular menção(sic) os desenhos*

executados por algumas discípulas, aula dirigida pelo sr. Hércules Florence."(O Diário de Campinas, 17/12/1875)



Diretora do Colégio Florence, Carolina (ao centro) e o corpo docente e discente de Campinas. Acima, o professor de música Emílio Giorgetti. Do lado esquerdo, olhando-a a sua filha Isabel e do lado direito, acima, sua filha Augusta.

Foto cedida por Leila Evangelina Florence de Moraes
Fonte: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Muitas também foram às professoras do Colégio Florence. Destaque para as preceptoras alemãs, contratadas pessoalmente por Carolina e que desenvolveram familiaridades e habilidades das alunas com as operetas européias, trabalhos manuais e o gosto pelo estudo de línguas (italiano, inglês, francês, alemão). Entre elas, frau Emília Krafth (a primeira que veio da Alemanha) frau Catarina Huffenbecher, frau Sophia Zoega e a irmã de Carolina Anna Kupfer. Os filhos de Hércules com Maria Angélica e Carolina também foram docentes na instituição: Amador Bueno Machado Florence (português, francês e desenho), Henrique Florence (matemática) Augusta e Isabel Florence (música, peças teatrais, etc) Paulo, o músico e Guilherme, o engenheiro (Gêmeos) Jorge (farmacêutico) e Ataliba (oftalmologista)

Alunas egressas do estabelecimento também foram professoras atuantes no Colégio Florence: Armelina Lamaneres, Leonor Gomes, Ruth Fonseca, entre outras.

Quanto à origem das alunas do Colégio Florence, procurei pistas que mostrassem a família, a profissão dos pais e as inúmeras dificuldades que a instituição enfrentava

com pais, alunas, doenças entre outros. É certo que era um estabelecimento destinado às camadas mais favorecidas da população campineira, já que as anuidades eram muito mais caras do que em outras instituições, no entanto as despesas com a infraestrutura, alimentação, livros etc, retiravam boa parte do lucro arrecadado. Hércules Florence demonstrava muito bem isso quando escrevia os sufocos financeiros em que se metia, ao seu cunhado Otto Kupfer, ao enviar os filhos para estudar no exterior e ao contar os grãos da sua lavoura de café para o pagamento das despesas extras:

Caro Otto,

Quanto a mim, eu vou cada seis a oito dias ao sítio para fazer o benefício do café. Eu já enviei duas mil e oitocentas arrobas a Santos e me restam duas mil arrobas que totalizam setecentas arrobas a mais que aquilo que eu tirava. Eu devia onze contos e ainda devo seis, que espero pagar com o café. Eu não tinha jamais contraído essa dívida se eu não tivesse enviado Arnaldo e Paulo a Europa contra a minha vontade, porque isso estava acima de minhas forças. (Carta de Hércules Florence ao seu cunhado Otto Kupfer, na Alemanha. Campinas, 25/5/1871).

Entre as alunas que mais se destacou, Maria Monteiro corrobora a credibilidade da instituição, quando na Itália, o conservatório de música reconhece seu adiantamento no treinamento da voz. No entanto, muitas se tornaram professoras ou diretoras de escola.

Entre os pais e parentes de algumas alunas, alguns foram figuras ilustres na história de Campinas e do século XIX. Entre eles Francisco Glicério, Coronel Quirino dos Santos, Tomás Gomide, Moraes Salles, Gustavo Schaumann, Ferreira Penteado, José Egydio de Souza Aranha, Francisco de Queiroz Telles, Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra, Barão de Ataliba Nogueira, entre outros.

As atividades culturais desenvolvidas pelas discípulas na sociedade campineira, através de *soirées*, clubes literários tiveram sua origem nas festividades promovidas pelo Colégio Florence, que as preparava para viver na esfera pública. Carolina, Hércules e suas filhas freqüentaram, por exemplo, o Club Semanal de Cultura Artística, existente até hoje na cidade. Bilhetes de teatro encontrados na relação das despesas das alunas indicavam a freqüência com que freqüentavam essas atividades culturais, o que as diferenciava das alunas que freqüentavam instituições religiosas, como o Colégio de Itu, das Irmãs de Chamberry.

CHARUTOS DA HAVANA

LIVROS

de Direito, Medicina, Theologia, Litteratura,
Sciencia, Agricultura, Historia, etc.

MAPPA DA PROVINCIA DE SÃO PAULO

Assignaturas
para os Jornaes da Europa

Encarrega-se

DE

qualquer trabalho Typographico

CARTÕES DE VISITAS EM 45 MINUTOS

LIVRARIA, PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

A. L. GARRAUX & C^{IA}

Casa Fundada em 1860

S. PAULO, — Rua da Imperatriz, — 36 e 38

PARIS, — Rue d'Hauteville, 15

AGENCIA ESPECIAL DE COMMISSÕES NA EUROPA

BURRAS DE FERRO

OBJECTOS DE ESCRITORIO

Papel de todas as qualidades, Enveloppes,
Fennas, Tinta,
Artigos de Engenharia e bellas artes

OBJECTOS PARA PRESENTES

ESPELHOS, QUADROS
com rica moldura

ENCARREGA-SE

de quaesquer encomendas para a EUROPA
mellante modica Commissão

O Illm. Sny. Caroline Florence Campinas Compr

S. PAULO 18 de Outubro de 1891

12	Cinheiro	Gea da Infancia	1/	900	10,800
6	Frevie	Rudimentos	1.500/	1,350	8,100
6	Lei de Deus		2/	1,800	10,800
6	Abilio	3. Livro	2/	1,800	10,800
6	Catecismos		1/	700	4,200
12	Conceição	Hist. Sagrada	2/	1,800	21,600
6	Trajano	Arithm.	4/	3,600	21,600
2	Anstett	Gram ca allemã	5/	4,500	9,000
2	Ahn	Lingua inglesa	2/	1,800	3,600
12	Serene	Gram ca franceza	3/	2,500	30,000
6	Boesche	Dicc allemão	12/	10,800	64,800
7	Constancio	portug. franc	7/	6,000	42,000
12	J. de Deus	Cartilha maternal	1200/	1,080	12,960
		Caisse et. transport a la Station			2,000
					244,260

Exemplo de nota fiscal contendo material utilizado pelas alunas no Colégio Florence.

Fonte: Coleção Cyrillo Hércules Florence.

O Brasil transformava-se e com ele a sociedade da época. As festas da corte passaram a fazer parte da vida das mulheres das famílias abastadas, e fez com que aumentasse a necessidade da educação para as mulheres de elite. Nas outras províncias, a produção do que ocorria na Corte levava os fazendeiros ricos a imitarem, reproduzirem as novidades, desde a moda, danças, músicas, edificações suntuosas etc.

Campinas e o Colégio Florence na vanguarda cultural

Na capital da província de São Paulo, no entanto, a vida social ainda era muito pacata, mesmo depois da segunda metade do século XIX. Alfredo d'E. Taunay, nas cartas à família, daria notícias da vida social paulistana em 1865, dizendo que não lhe agradou a capital da província e o retraimento característico de sua mulheres. Eram tímidas por demais. No mesmo se dava com as edificações: As igrejas eram ainda esteticamente pobres, os edifícios pequenos e acanhados; as construções de taipa; embora limpas, as ruas mal calçadas e pouco movimentadas onde quase não se via uma mulher. Para Taunay, as paulistanas viviam ainda muito reclusas.

No teatro, a frequência era quase inteira de homens e poucas famílias nos camarotes. As festas ou homenagens também eram diminutas. Taunay era enfático: a cidade não o havia agradado. (..) *Das damas paulistas pouco poderei dizer por enquanto, pois muito pouco as tenho avistado. São as famílias aqui muito retraídas, como bem sabemos; pouco saem a passeio.* (PINHO, 1970, p. 102).

Já na cidade de Campinas os acontecimentos sociais ocorriam em franca ebulição. A sociedade, a seu ver, tinha um ritmo cultural mais desenvolvido. Taunay diria que: *Esse retraimento da gente da capital fazia contraste com a expansão e a cortesia da sociedade de Campinas onde tudo exigia elogio do missivista. Na cidade, que já tinha seus dez mil habitantes, próspera e rica, em pleno desenvolvimento, com notável movimento comercial, alguns sobrados excelentes, ostentavam aparência luxuosa.* (PINHO, 1970, p. 103).

Diria ainda que em Campinas as moças eram-lhe mais amáveis, conversavam animadamente, e que já não sabia a quantos saraus, bailes, jantares e festas tinha ido. Isso demonstrava o quanto à educação e a cultura contribuía para que cidade de Campinas possuísse mulheres da elite locais desinibidas e desenvoltas. Era fundamental as mulheres frequentar colégios, como o Florence, de cunho laico, que possuía professores do gênero masculino convivendo com alunas abertas às novas idéias e

costumes. Isso lhes possibilitava conviver com desenvoltura na sociedade campineira. Seus conhecimentos, no entanto, não ficaram apenas naquilo que lhes era solicitado. Avançavam quando davam utilidade a essa educação, quando aprendiam muito mais do que a vida social lhes exigia. Nesse sentido, reproduziam o que a sociedade da época esperava, mas também produziam uma nova forma de convivência, pautada nos ensinamentos assimilados no estabelecimento.

Palavras finais

Infelizmente o Colégio, depois de vinte e cinco anos de funcionamento fechou suas portas em Campinas e transferiu-se para a cidade de Jundiaí, em decorrência da febre amarela. Aliás, a febre voltou nos anos posteriores, em vários verões, ceifando a vida de muitos campineiros e estrangeiros, reduzindo suas potencialidades de uma cidade com características de capital de província. Mesmo assim nos anos em que o Colégio Florence permaneceu na cidade de Jundiaí, o acompanhamento da família, mesmo com a diretora tendo se afastado, foi contínuo.

É preciso não se esquecer que na Corte do Rio de Janeiro, anteriormente à instalação da Escola Normal, em 1880, os poderes públicos só ofereceram às crianças e adolescentes do sexo feminino a instrução primária. Nas províncias, as escolas normais que se criaram a partir da reforma constitucional descentralizadora, em geral, franquearam suas portas à população escolar feminina. A instrução oferecida por tais estabelecimentos, cujo número só principiou a ampliar-se a partir da década de 70, via de regra, entretanto, não chegou a ultrapassar o nível primário superior. (HAIDAR, 1972, p. 238).

Em relação ao ensino secundário de um modo geral, as mudanças ocorreram somente a partir do ato adicional de 1834. Até então, era fragmentado em aulas avulsas, à moda das aulas régias. O aparecimento de liceus provinciais a partir de 1835, e a criação do Colégio Pedro II na Corte, em 1837, representaram, no campo do ensino público, os primeiros esforços no sentido de imprimir alguma organicidade a esse ramo do ensino. Em 1854 tentou-se, através da implantação da Reforma Couto Ferraz ampliar a função dos estudos secundários colocando-o na base das especializações técnicas. Animado pelo surto industrial e a extinção do tráfico negreiro, pretendeu articular o curso de estudos do Colégio Pedro II, não apenas com os estudos superiores, mas com cursos comerciais e industriais oferecidos pelo Instituto Comercial e pela Academia de Belas Artes. Visando tal objetivo, o Ministro do Império do Gabinete Paraná, de acordo

com Haidar, dividiu o curso do Colégio Pedro II em estudos de 1º e 2º classe, confiando aos primeiros à missão de fornecer a cultura básica para as especializações técnicas e atribuindo aos segundos, montados sobre os anteriores, a tarefa de preparar para o ingresso nas Academias. A medida, inspirada nas mesmas intenções que haviam levado à criação das Realschulen prussianas, não encontrou, entretanto, em nosso país, o grau de desenvolvimento comercial e industrial que condicionara o êxito extraordinário do empreendimento nos estados alemães. (idem, p. 261).

As condições sociais e econômicas que haviam conduzido ao malogro a inovação tentada por Couto Ferraz em meados do século não se haviam alterado significativamente ao fim do Império. Os estudos secundários continuavam a ter por missão a preparação para os cursos superiores. (idem, p. 261). Assim, a Reforma Leôncio de Carvalho, em 1878, consagrou os estudos fragmentários definitivamente ao manter as matrículas avulsas e ao introduzir a freqüência livre aos exames vagos no Externato d. Pedro II. (idem, p. 260).

O ensino secundário público, dessa forma, teve durante o período do Império, o caráter de propedêutico, fragmentário e destinado ao sexo masculino. Quanto ao ensino secundário masculino privado, também este, se tornou preparador para as Academias: *Os estabelecimentos particulares, cujo renome era em geral função do êxito de seus alunos em tais exames, com pouquíssimas e honrosas exceções que confirmam a regra, limitaram o currículo dos estudos secundários às disciplinas preparatórias e consagraram os estudos avulsos.* (idem, p. 16).

Desobrigados de preparar o sexo feminino para o ensino superior, o ensino secundário fornecido pelos estabelecimentos particulares puderam dar às mulheres um ensino fundamentado no enciclopedismo, libertando-se dos vícios decorrentes dos exames parcelados e preparatórios. O Colégio Florence obteve influências múltiplas das pedagogias propagadas no período. Além de Pestalozzi, Spencer, entre outros que viam a educação caminhando para a vida prática, as *realschulen* alemãs e os liceus secundários franceses que tinham a cultura e o ensino fundamentado no enciclopedismo (SILVA, 1969, p. 10 1) também influenciaram a educação ministrada no Colégio Florence.

Hércules e Carolina Florence, oriundos da classe média, fundaram uma instituição de ensino através de seus esforços. Em cartas percebe-se que ambos tinham dificuldades para pagar os estudos dos filhos e manter a instituição com a qualidade que exigiam. Tinham um padrão de vida superior porque eram originários de classe média germânica

e francesa, que instalada em Campinas, montaram negócios. Porém, trabalharam para manter suas rendas, ao que parece, sem espoliar seus subalternos. É preciso não se esquecer o sucesso que teve a propriedade de Hércules Florence no Sistema de Parceria.

Carolina Florence sabia que os pais, assim como a sociedade imperial, desejavam que suas filhas adquirissem apenas uma educação que fosse suficiente para o convívio social, no entanto, seu estabelecimento ultrapassou essa educação *ornamental* desejada, quando se preocupava em absorver os métodos pedagógicos que surgiam na Europa, além de permitir que o corpo docente da instituição elaborasse livremente seus programas de ensino, diferentemente dos colégios religiosos ou de associações que controlavam seus docentes.

Dessa forma, o Colégio Florence reproduzia o ideal da educação feminina que a sociedade da época solicitava, mas avançava quando acrescentava novos conhecimentos que tornavam suas educandas mulheres que assumiram, posteriormente, atividades profissionais como professoras, fundadoras de escolas, instituições de caridade ou simplesmente filântropas.

Carolina Florence conseguiu criar um estabelecimento educacional em um período em que a educação feminina ainda se encontrava em gestação, envolta em concepções que achavam desnecessário um ensino mais aprimorado para as mulheres. Conseguiu também mantê-lo funcionando por vinte e cinco anos na cidade de Campinas, com credibilidade e confiança dos pais, o que era muito difícil para o período.

Finalmente, concluo acreditando que seja possível que futuras investigações acrescentem às reflexões aqui registradas, muitos aspectos que venham a preencher a lacuna que a área da História da Educação apresenta. De 1992 a 2006, muitas pesquisas surgiram, principalmente através do grupo de pesquisa de História da Educação do Histebr e do Centro de Memória da Unicamp relativos a outros colégios femininos existentes no período e que complementam o quadro da educação feminina na cidade de Campinas durante o Império Brasileiro. O interessante seria a reunião desses dados em uma coletânea, de forma a se constituírem como fontes de compreensão e resgate da memória dos processos educativos femininos do Brasil novecentista.

Bibliografia

- CANO, W. *Raízes da concentração industrial em S. Paulo*. São Paulo: Difel, 1977.
- CARELLI, M. *A Ia decoubérte de Ia amazonie*. França: Gallimard, 1992.

- COSTA, E. V. da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- DUARTE. *Campinas de outrora*. Campinas: Typographia Andrade de Mello, 1905.
- FLORENCE, I. Carolina Florence (Biografia) .*Albúm de Comemoração do Bi-Centenário da Cidade de Campinas*. Campinas, 1974.
- H AidAR, M. de L. M. *O ensino secundário no Império brasileiro*. São Paulo: Grijalbo/USP, 1972.
- KOSSOY, B. *Hércules Florence - 1833. A descoberta isolada da fotografia no Brasil*. São Paulo: Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1977.
- KUPFER, A. K. *Diário*. São Paulo, s.d. (Documentação em poder da Família Florence.)
- MARIANO, J. *Campinas de ontem e ante-ontem*. Campinas: Maranata, 1970.
- PINHO, W do. *Salões e damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Martins, 1970.
- RIBEIRO, A.I.M. *A Educação da Mulher no Brasil-Colônia*. S.Paulo:Arte & Ciência, 1997.
- RIBEIRO, A.I.M. *A Educação feminina durante o século XIX: O colégio Florence de Campinas*. Campinas:Área de Publicação do CMU/Unicamp, 1996.
- SILVA, G. B. *A educação secundária*. São Paulo: Nacional, 1969.
- SILVA, T. T. *O que produz e o que reproduz em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SILVEIRA, C. da. *et alii. Notas genealógicas e outras notas*. São Paulo: Inst. Hist. Geogr. S. Paulo, 1968.
- TSCHUDI, J. J. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Martins, 1954.
- WILLENS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil, estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. ampl. e ilustr. São Paulo: Nacional/INL, 1980.

Outros Documentos Pesquisados:

- Jornais, Almanaque, Boletins e Diários : O Correio Popular, O Diário de Campinas, A Gazeta de Campinas, A Província de São Paulo
- ALMANAQUES de Campinas – ANOS: 1870 e 1873 - José Maria Lisboa
 1878 - José Hypolito da Silva Dutra, 1879 - Carlos Ferreira e Hypólito da Silva
 1886 - Henrique de Barcellos, 1892 - Francisco Cardona
- Coleção Cyrillo Hércules Florence (Cartas, diários e fontes primárias relativas à Família Florence)